

CAMINHA

(Vile)

Vile é uma freguesia do concelho de Caminha, distrito de Viana do Castelo. A igreja de São Pedro de Varais, localizada na referida freguesia, dista cerca de 8 km da sede de concelho. Sair de Caminha pela rua General Andrade e Castro, cerca de 400 m à frente virar à direita, e depois à esquerda em direção à rua de Santo Antão. Andar cerca de 1 km e virar à esquerda para a rua do Miradouro do Monte de Santo Antão. Passar a capela de Santo Antão e virar à esquerda e novamente à esquerda. Cerca de 2 km à frente virar à direita e mais à frente manter-se à direita. A capela-igreja de São Pedro encontra-se cerca de 450 m à frente. O acesso faz-se por uma calçada, que denuncia a antiga passagem de uma via de reminiscência romana, proveniente de Santa Maria de Âncora, pela ponte de Abadim.

Esta freguesia dista 1 km do mar e localiza-se na margem direita do rio Âncora e do monte de São Pedro de Varais, que faz parte do monte de Santo Antão, na Serra de Arga. Do alto do monte de São Pedro obtém-se uma magnífica paisagem, avistando-se o vale de Âncora e Espanha. A igreja de São Pedro de Varais tem um enquadramento isolado e ermo, numa encosta do monte de São Pedro, conhecido por "monte do cão vermelho". Atualmente, a zona foi adaptada a espaço de lazer com zona de parqueamento.

A ocupação desta freguesia remonta a tempos pré-históricos, como se comprova pela Mamoa do Santo de Vile, com cerca de 20 m de diâmetro, e por outros vestígios provenientes de campanhas arqueológicas.

Segundo as Inquirições de 1258 a freguesia de São Pedro de Varais pertencia ao julgado de Caminha. Posteriormente a paróquia passou a designar-se São Sebastião de Vile. A divisão das freguesias de Vile e Azevedo, em 1641, gerou conflitos no que diz respeito à conservação da igreja de São Pedro de Varais. Em meados do século XVIII a freguesia de Vile autonomizou-se da paróquia de São Pedro de Varais. Américo Costa, no *Dicionário Corográfico* refere-se a Vile como povoação e freguesia cujo orago era São Sebastião. Em 1527, designava-se esta freguesia, simplesmente, como Vila, assim registada também por Carvalho da Costa, em 1706, e nas Memórias Paroquiais de 1758, cujo orago é São Sebastião.



Perspetiva geral da
igreja e paisagem
envolvente

Igreja de São Pedro de Varais

DESCONHECE-SE A DATA DE EDIFICAÇÃO da atual igreja de São Pedro de Varais, mas, segundo Aguiar Barreiros, deverá datar de entre os finais do século XII e o século XIV. Há autores que associam esta igreja a um extinto mosteiro beneditino, muito anterior à nacionalidade, mas não há qualquer evidência dessa declaração, nem este dado é sequer mencionado pelo autor da *Benedictina Lusitana*. Poderá ter existido uma ermida, anterior à atual, de que a metade inferior da capela-mor parecem ser os restos subsistentes. As recentes campanhas arqueológicas revelaram três fases de edificação, segundo Fontes, Lemos e Costa: uma primeira, dos séculos X-XII, visível na metade inferior da capela-mor; uma segunda, entre os séculos XII e XIII que corresponde, globalmente, ao edifício atual; e uma terceira, dos séculos XIII-XIV, que corresponde à construção do arcossólio do interior e remodelação de certos elementos decorativos. De acrescentar ainda que a mesma campanha permitiu identificar um alicerce de uma estrutura, perpendicular ao cunhal sudeste da nave, que se julga integrar uma edificação mais complexa que a atualmente visível. Sobre este alicerce elevar-se-ia uma parede conforme comprovam as marcas do seu arranque no cunhal da nave. Para estes autores tratar-se-ia de um anexo simples ou, então, de um possível edifício monástico, logo mais complexo.

As Inquirições de 1258 referem-se à igreja da freguesia de São Pedro de Varais, declarando que o padroado

não é da Coroa. Os moradores pagam voz e calúnia e vão à anúduva.

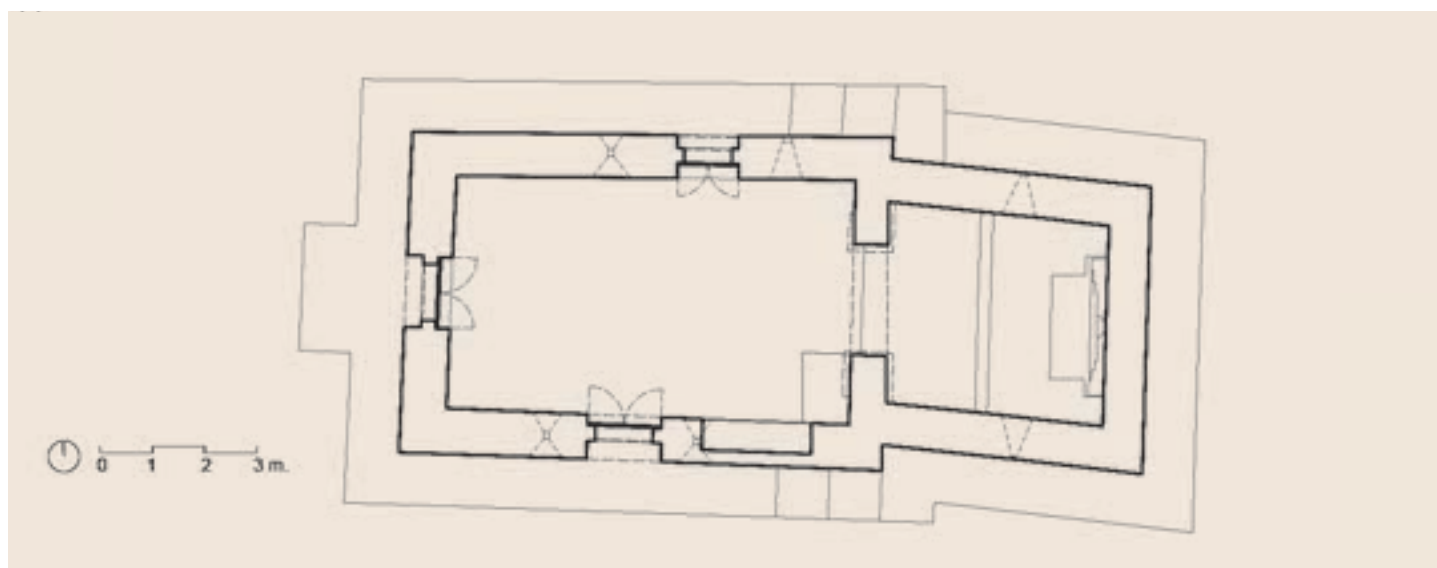
Em 1320, a igreja é já referida na lista das Igrejas, mosteiros e comendas e foi taxada em 180 libras na contribuição para a Cruzada. Pertencia então, à Terra de Vinha, adstrita ao bispado de Tui. A soma taxada era elevada no contexto das igrejas da referida Terra de Vinha. Das trinta igrejas e mosteiros desta Terra, a igreja de Santa Maria de Vinha era apenas suplantada pelas igrejas de Santa Mariinha do Carreço (200 libras) e de Santa Maria do Caminho (331 libras); nesta Terra de Vinha destacava-se o valor pago pela igreja de São Salvador da Torre, taxada em 1 500 libras. Em 1321, o censal do cabido de Tui atribui ao arcediago da Terra de Vinha o rendimento de um quarto de trigo e uma libra de cera.

Em 1706, o Padre Carvalho da Costa afirmava que o curado anual das freguesias de Vile e Azevedo era da apresentação do mosteiro de Tibães, direito transmitido, posteriormente, ao Colégio de São Bento de Coimbra. Este autor afirma que a igreja de São Pedro de "Varaes" fora mosteiro beneditino e que o seu comendatário Fernão Velho se intitulava abade reitor, num prazo que fez a Lucrécia Lobo.

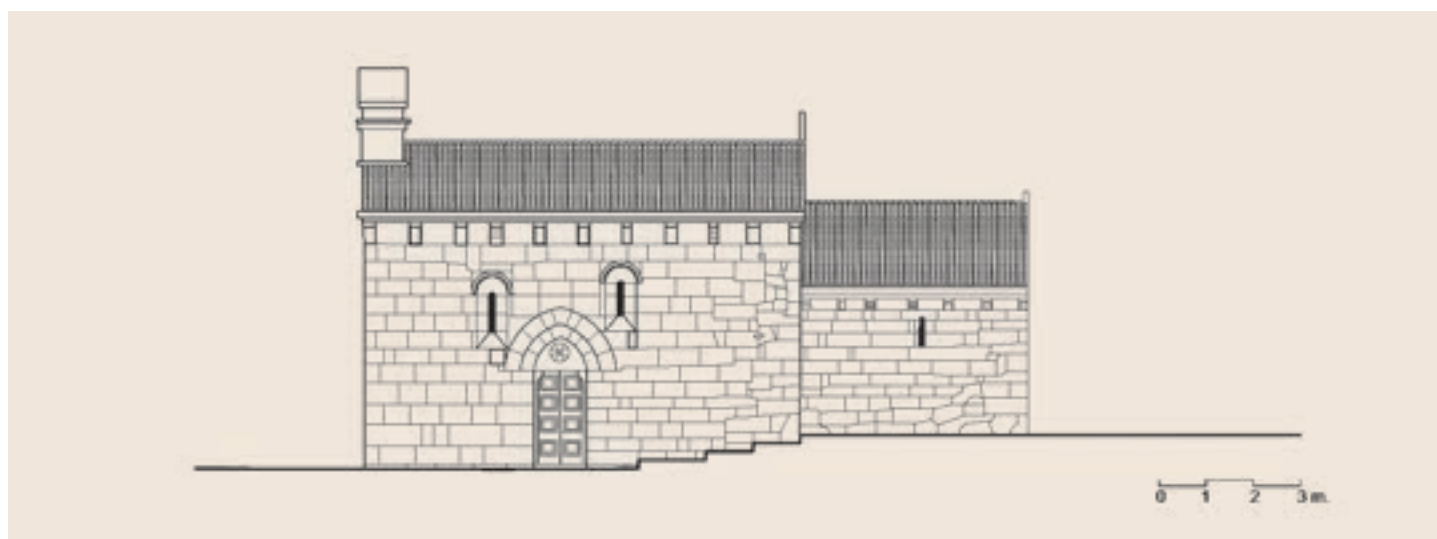
Em 1758, nas Memórias Paroquiais, a freguesia é designada como "Sam Sebastiam de Villa", e reitera a apresentação de cura anual pelo abade de Tibães. Segundo o



Perspetiva geral da igreja. Alçados sul e este



Planta



Alçado sul

Alçado oeste

pároco, na freguesia existe uma capela "ou igreja" muito antiga, quase no alto do monte, que foi mosteiro de eremitas e depois paróquia das freguesias de Vile e de São Miguel de Azevedo, que só se dividiram depois de 1641. Os moradores de ambas as freguesias vão no dia 24 de junho, à capela de São Pedro de Varais, cantar uma missa em louvor de São Pedro e deixar esmolas. Também aí vão na segunda sexta-feira de Quaresma "com hum clamor que nelle se incorporão quinze freguesias, com suas cruzes". Segundo o referido pároco, a dita capela é fabricada de cantaria muito antiga. O pároco de São Miguel de Azevedo refere que a capela de São Pedro de Varais estava no limite da freguesia de Vile e que fora matriz das duas freguesias, antes de terem sido divididas, e que então era das





Alçado sul



*Perspetiva geral
da igreja. Alçados
norte e oeste*

duas freguesias. Refere também que a dita capela era dos beneditinos de Tibães.

A igreja matriz de São Pedro foi reconstruída em 1867 pelo benemérito Bernardo Gonçalves Pereira.

A igreja de São Pedro de Varais integra-se ainda hoje numa paisagem particularmente interessante. Em estudo monográfico dedicado a este edifício, Manuel de Aguiar Barreiros deu dela uma interessante descrição em 1950 e que mantém a sua atualidade, não fosse o parque eólico que se ergue no topo da montanha a norte. Diz-nos, assim que "a meia encosta, num vale que dois montes escarpados, em projecção a poente da Serra d'Arga, abrangem, num retirado escalão que se alonga em húmida rechã, ao qual uma rústica e ampla calçada de esborceladas lájeas, à guisa de evocativa estrada romana, dá desempecido acesso, demora a capela românica de S. Pedro de Varais". Apesar de eloquente e muito datada, esta descrição que procura enfatizar o isolamento algo bucólico da igreja, não deixa de ser ilustrativa da envolvente desta pequena igreja.

Orientada, a igreja apresenta uma simples planimetria, apenas composta de nave única e cabeceira retangular. Cedo, Aguiar Barreiros notou uma particularidade construtiva da sua fábrica. O eixo longitudinal do templo desvia-se 10° para sul, aspeto que se torna perceptível ao nível da planta da abside.

Edificada em granito, a igreja apresenta diversas tipologias de paramentos e que correspondem às diversas fases construtivas identificadas por Fontes, Lemos e Costa. Na capela-mor o aparelho mostra um talhe mais rude, particularmente ao nível do seu embasamento. A parede testeira da abside denuncia um maior cuidado ao nível do talhe, com aparelho melhor esquadriado, configurando aquilo que se designa de pseudo-isódomo. Nos alçados laterais é mais irregular, bem como ao nível da parede testeira da nave. Esta denuncia já outro estaleiro. O aparelho é aqui de melhor qualidade, bem esquadriado, enformando fiadas regulares de silhares pseudo-isódomos. Uma cicatriz no paramento da nave confirma bem a passagem de cronologias. A cobertura é de duas águas e no interior em madeira, em ambos os corpos.

A igreja de São Pedro de Varais assume-se pelo seu carácter vernacular, confirmando como as formas e os modelos construtivos persistem numa longa diacronia e assumindo-se como práticas sem tempo. A parede testeira da cabeceira é cega. Os alçados laterais da abside, norte e sul, são apenas rasgados por estreita fresta, sem decoração. Os cachorros, de secção quadrangular, mostram uma linguagem escultórica robusta. Imperam os motivos geométricos, como as esferas, muito embora a forma de alguns deles



Alçado oeste

permite supor terem existido alguns com representação de focinhos de animais que, entretanto, o tempo apagou.

A nave apresenta-se mais animada. A sul, rasga-a um portal e duas frestas. O portal é tardio, confirmando a cronologia de edificação desta parte da igreja proposta por Luís Fontes. Inscrevendo-se na espessura do muro, é formado por duas arquivoltas quebradas cujas aduelas são lisas. As arquivoltas assentam diretamente sobre o pé direito do muro, não se identificando qualquer imposta. Contudo, o portal tem tímpano suportado por mísulas enformadas por toros. No tímpano foi incisa uma cruz pátea envolta em círculo e suportada por haste. A presença de duas mísulas a meia altura do paramento indica-nos ter existido uma estrutura alpendrada que o abrigava. As frestas, alargando para o exterior, têm a base em capialço. Além disso, são ornadas por arco saliente relativamente ao seu alçado, como que enformando duplo toro. Os cachorros parecem ser mais tardios que os da abside atendendo à sua secção retangular e à cornija mais estreita que sustentam. Alguns

são lisos, outros mostram elementos de natureza geométrica como rolos ou esferas.

A norte repete-se o mesmo arranjo ao nível da fachada.

A fachada oeste surge como a mais elaborada, naturalmente. Por ser de pequenas dimensões, os seus elementos diferenciadores resumem-se ao portal, óculo e empena, que no eixo central a monumentalizam. O portal principal apresenta um arranjo semelhante ao lateral sul. As suas arquivoltas quebradas, apenas animadas por chanfro, inscrevem-se na espessura do muro, mas aqui apoiam-se sobre imposta de ressalto que as demarca relativamente aos pés direitos. O tímpano, assente em mísulas lisas e bem esquadriadas, ostenta uma cruz equilátera. O tímpano do portal parece resultar de uma recomposição, conforme indicia a diferença de grão do granito comparativamente com o das arquivoltas e o facto de ser concebido por diferentes peças. A que ostenta a cruz encontra-se ao centro do arranjo. É quadrangular e surge ladeada por duas outras que por serem ligeiramente salientes parecem ter sido aí encaixadas. Um lintel liso sustenta o conjunto, apoiando-se sobre as mísulas. Carlos Alberto Ferreira de Almeida valorizou o carácter apotropaico da cruz deste tímpano, que não deixa ainda de ser, na idade média, um símbolo religioso e cristão.

Sobre o portal rasga-se um óculo cuja grelha, também marcada pela diferente coloração de granito, define uma cruz. A sua forma não nos parece integrar o léxico tradicional do românico português, pelo que poderá resultar

de uma intervenção posterior. A empena é quebrada pela presença da pequena sineira.

O interior da igreja encontra-se despojado do seu mobiliário litúrgico. Na parede fundeira da abside persiste um retábulo de pedra de plástica classicizante. Os paramentos encontram-se rebocados, mas sob estes conseguimos ainda ver testemunhos daquilo que deve ter sido um significativo programa de pintura mural, que se estendeu por toda a igreja. Até o próprio arco triunfal, baixo e encerrando a capela-mor, e definido por arco quebrado e avançada imposta, integrou este programa, bem como a parede testeira da nave, cuja fresta foi oculta para lhe criar um maior quadro. Hoje, parte da fresta está visível mostrando o granito que lhe dá forma. Na abside mostra-se o granito que configura as frestas abocinadas. No intradorso de ambos os portais laterais, mas também do oeste, mantém-se este arranjo e contraste de cor e texturas entre a pedra e o reboco. Um elemento é digno de referência. No lado da Epístola foi rasgado um arcossólio que tem vindo a ser datado do século XIV. Apesar de não ter já parte da sua caixa, foi enquadrado em arco quebrado, estando as suas aduelas ornadas por toro diédrico.

Edificada, provavelmente, num período compreendido entre os finais do século XII e o século XIV, esta igreja recebeu painéis pintados a fresco no interior da igreja, datados do século XVI. Uma das grandes particularidades deste edifício está no desvio do eixo longitudinal para sul,



Interior. Perspetiva da nave e abside a partir do lado ocidental

recentemente confirmado em estudo realizado em contexto arqueológico e publicado em 2000. Foi então questionada a proposta de Graf, segundo a qual tal não pode ser explicado por qualquer razão de ordem topográfica, mas antes de uma opção arquitetónica de motivação simbólica. Se assim fosse, estaríamos diante de uma alusão à posição de Cristo na cruz, com a cabeça levemente inclinada. Questionamos esta proposta e concordamos com os autores do estudo arqueológico quando afirmam que a confirmar-se esta hipótese, São Pedro de Varais integraria um conjunto particular de igrejas que durante a época românica assumiu esta particularidade de desvio evidente da capela-mor. Fontes nomeia, entre outros exemplos, as igrejas do mosteiro de Travanca (Amarante), São Cláudio de Nogueira (Viana do Castelo), São Gens de Boelhe (Penafiel) ou a igreja de Serzedelo (Guimarães). O isolamento da igreja que ainda hoje persiste e a sua ligação à paisagem da Serra d'Arga é ainda um outro aspeto de relevar e que contribui para que a igreja de São Pedro de Varais mantenha uma integração excecional na paisagem envolvente.

Em 1950 foi classificada como Imóvel de Interesse Público.

Texto: MLB/JL - Fotos: RR/MS - Planos: GM/MS/NB (sobre SIPA-DGPC)

Bibliografia

ALMEIDA, F., 1971, IV, pp. 115-116; BARREIROS, M.A., 1950, pp. 9-28; BOISSELLIER, S., 2012, p. 164; COSTA, A.C., 1706-12, I, p. 285; COSTA, A., 1929-49, XII, p. 735; Fontes, L. *et alii*, 2000, pp. 132-140; GRAF, G., 1986-87, II, pp. 444-445; GEPB, 1935-60, XXXVI, pp. 89-93; MEM. PAROQ. 1758 (2005), pp. 117 e 145-146; PMH, INQ., pp. 348-349 (de 1258); PORTAL DO ARQUEÓLOGO; SIPA; VIAS ROMANAS.



Interior. Nave. Arcossólio no lado da Epístola

